

# 1981 - O ano da reversão: (1) 29 DEZ 1981

Não existem embargos a oferecer. A economia brasileira, efetivamente, está saindo do atoleiro. Ainda restam obstáculos, complexos na sua estruturação e difíceis na sua superação, é certo. Todavia, os movimentos já nos concedem individualidade, desde que estamos liberados da cintura para cima. Pelo menos.

Deixamos a incômoda marca dos três dígitos e iniciamos a descida para patamares inferiores. As previsões de chegarmos, no final de 1982, à casa dos 80%, embora ainda represente um processo cumulativo de dificuldades, abre, sem dúvida alguma, novos horizontes para o país como um todo.

A retomada de um crescimento anual de 7%, refletindo-se de modo acentuado do PIB, não significa o abandono da estratégia que vem oferecendo resultados animadores, nas políticas monetária e fiscal, nas projeções para 1982.

A frustração do crescimento zero que assinalará o fechamento das contas nacionais, nesse final de exercício, ou de um provável índice negativo, não pode ser encarada, em globo, como um mau desempenho governamental. Muito ao contrário, o resultado pode ser considerado auspicioso, desde que no cômputo final eles poderiam ter sido desastrosos, não fora a energia e a seriedade do combate à inflação, com intensas batalhas, em muitas frentes. Basta lembrar que dos 77% do crescimento da inflação de 1979, passamos para 110%, em 1980 e chegamos a tangenciar os 130%, numa tendência inquietante, nos primeiros meses do corrente ano. A convergência para os 95% esperados representa uma queda de 35 pontos na curva inflacionária, em 1981.

Outro detalhe a ser relevado, em termos de resultados, refere-se aos valores finais alcançados pelas nossas exportações, estimadas em US\$ 25 bilhões, mas que alcançaram apenas US\$ 23 bilhões; por força de causas aleatórias, fruto das baixas verificadas nas cotações de produtos primários. Quedas sensíveis nos preços do café, cacau, açúcar e soja, caso não existissem seguramente a nossa relação de trocas não teria perdido US\$ 2 bilhões e teríamos ultrapassado a meta prevista. Vale ainda acentuar que o valor estimado foi intencionalmente extrapolado, com vistas a incentivar o setor exportador, desde que eram esperadas dificuldades não apenas de competição. Barreiras e restrições — fora a baixa nos preços — representaram causas exógenas e não fatores internos de desarrumação.

O gerenciamento superior da economia, na execução das políticas monetária, fiscal e cambial foi firme, enérgico, persistente e permanentemente acompanhado, mediante controles de pequeno ciclo. Por isso mesmo apresentou um alto ganho, decorrência de um melhor entrosamento entre a programação e a execução, sem as distorções anteriores, mantido o Banco do Brasil nos níveis previstos para seu orçamento, alcançando o Banco Central uma pauta de arrecadação no mercado de capitais superior a meio trilhão de cruzeiros de títulos públicos. A ação normativa do Conselho Monetário Nacional manteve os parâmetros monetários, logrando-se, por isso mesmo, êxito invulgar, nesse particular, com um domínio adequado da expansão dos meios de pagamento.

A política fiscal amadureceu, ainda mais, o controle sobre as empresas estatais, com os gastos orçamentários mantidos dentro valores, até aqui desconhecidos, só não permitindo maior desempenho em 1981 em função das

sobrecargas resultantes da oneração das altas nas taxas de juros internacionais. A suplementação de recursos a que se obrigou o governo exigiu sacrifícios adicionais para manter dentro de cronogramas razoáveis os grandes projetos financiados em moeda estrangeira.

O ministro Ernane Galvães pode rejubilar-se ante os resultados obtidos na área cambial. O gradualismo na desvalorização do dólar foi programado e executado na medida certa, permitindo não apenas o crescimento ascendente das exportações, mas, principalmente, infundindo confiança na comunidade exportadora. A homogeneidade de comportamento recompôs no setor a confiabilidade nas relações de troca internacional.

Os níveis alcançados pela dívida pública interna deverão alcançar cerca de Cr\$ 3 trilhões, o que não assusta, mas antes recomenda cautelas e prudências que o Banco Central vai adotar. A expansão, de 122,57% nos 11 primeiros meses do ano tem causas que a justificam e vai gerar efeitos que serão suficientemente tratados. Embora se saiba que dívida pública não se paga, mas se rola, ainda assim exige controles rígidos no seu comportamento. Em dezembro de 1980 encontrávamos no patamar dos Cr\$ 848 bilhões e em novembro último tínhamos já alcançado Cr\$ 2,74 trilhões. O repique da indexação faz-se sentir sobre os níveis de endividamento, com os gravames normais da correção monetária realista e dos aceites nos aumentos das taxas de desconto nas ofertas públicas de LTN, com impacto de alta no mercado financeiro. A verdade maior é que o crescimento da dívida pública não veio tão só da necessidade de ampliar a faixa de atuação no "open", mas, também, por força dos "imprevisíveis", representados pelos Cr\$ 126 bilhões das dívidas inadimplidas das empresas estatais, Cr\$ 100 bilhões do "rombo" da Previdência, Cr\$ 61 bilhões da conta-café, Cr\$ 46 bilhões dos excedentes de aplicações do Programa Nacional do Alcool. Medidas auxiliares foram votadas pelo CMN, exigindo um compulsório sobre os depósitos de poupança no BNH e na Caixa Econômica Federal, que obrigarão a essas duas organizações completarem à receita do orçamento monetário, adquirindo, em 1982, Cr\$ 160 bilhões de títulos da União, nos exatos termos previstos para a receita do orçamento monetário.

Como se pode depreender, em largos traços, a direção da economia, no âmbito fazendário, caminhou em direção, sentido e intensidade, para rumos conhecidos e conscientemente definidos.

As sadias respostas da agricultura e do setor mineral, complementadas pelas hosanas que nos chegam das fontes energéticas, tornam possível estimar-se, para 1982, dias melhores e resultados mais compensadores. A mobilização dos instrumentos de administração das políticas monetária, fiscal e cambial, se faz de maneira pesada e medida para evitar efeitos colaterais nocivos e indesejáveis. Sem perder de vista o ponto de fuga do balanço de pagamentos é possível reordenar-se o sistema produtivo, recompondo-se o perfil do desempenho industrial.

A tarefa desenha-se em tons vivos nos desafios que representa. Toda curva ao flutuar, exige esforços, representa tensões. A subida dos índices inflacionários manteve em carteira valores inesperados de desemprego pelo desaquecimento consequente do setor secundário.

Há certezas de melhoras. Estamos saindo, de fato, do atoleiro. Resta o encontro final de terra firme para a caminhada sem temores.